

MEMÓRIAS E SOCIABILIDADES NA PROGRAMAÇÃO DO OUVINTE

BCH-UFC
PERIÓDICOS

Introdução

Apoiando-me na discussão de estudos da produção cultural latino americana, principalmente com base em Barbero e Canclini, e em estudiosos de sociabilidade, a exemplo de Simmel (1983), dentre outros, analiso as várias formas de comunicação, tomando a relação da coordenação da produção com a audiência, na *Programação do ouvinte*.¹

Interessou-me a *Programação do ouvinte* por sua possibilidade de produzir espaços de sociabilidade,² ao mesmo tempo em que esta articulação viabiliza a reconstrução de uma memória musical socialmente construída.

Vejo o rádio como veículo/companhia dos diversos segmentos sociais. Vieira (2000), ao analisar a música de Luiz Gonzaga, vendo o rádio como meio de difusão fundamental, nesse processo em sua "era de ouro", refere-se a essa forma de 'fazer rádio como espaço de socialização capaz de aglutinar pessoas'.³

Nesta perspectiva de abordagem, busco encontrar a dinâmica social da comunicação, um fazer radiofônico contrapondo-se a uma perspectiva que vê a produção cultural como instrumento de dominação. Com a ajuda do olhar de Barbero⁴, chamo a atenção para a mestiçagem, vista aqui, como a trama hoje da modernidade, e para descontinuidades culturais, deformações

INÊS VIEIRA*

RESUMO

Este artigo propõe-se a buscar a dinâmica social da comunicação, observando as várias formas de sociabilidade desenvolvidas a partir da *Programação do ouvinte*, através das relações construídas entre a audiência e o coordenador da produção. A investigação analisa estes espaços de interações articulados no processo de recuperação da memória da MPB, no diálogo cotidiano locutor-ouvintes e ouvintes-ouvintes.

ABSTRACT — MEMORIES AND SOCIABILITIES IN THE LISTENER'S PROGRAM

This article proposes to understand the social dynamic of the communication, describing the several contexts of sociability developed among people who take part in the Listener's Program, in the end of afternoon, everyday. The FM University Radio in Fortaleza realizes this broadcasting. This investigation analyses the constructed relations between the audience and the journalist who conducts the production with the participant listeners. It's observed a description of interacting spaces articulated in the process of the recuperation of MPB (MPB — means Brazilian Popular Music) memory, during the dairy dialogue between listeners/radio announcer and listeners/listeners, day by day.

* Psicóloga, Mestre em Sociologia.

e estruturas de sentimentos, de memórias e imaginários, considerando que a eficácia e o sentido do social estão mais nas lógicas em conflito, na produção e consumo de processos de construção cultural, do que em seus aspectos ideológicos e econômicos. Busco perceber como as pessoas produzem sentidos para suas vidas, a partir da relação cotidiana que criam com a *Programação do ouvinte* — vista aqui, como movimento

que transcende gerações e lugares sociais, lembrando que em processos sociais, às vezes conflitantes, e nem sempre manipuláveis, as pessoas vêem-se reconhecidas e sentem a legitimação de suas aspirações.

A dinâmica da *Programação do ouvinte*

Existem outros programas que se caracterizam por ter uma dinâmica interativa entre locutor e ouvinte, mas a especificidade da *Programação do ouvinte* atende aos propósitos de recuperar a memória da MPB⁵ em contraposição a outras formas de comunicação. Existe neste programa um repertório que é construído numa certa cumplicidade entre a audiência e o coordenador, através das músicas que podem ser solicitadas e tocadas.

Apresento uma descrição do processo através do qual se faz a *Programação do ouvinte*. Esta descrição está baseada, principalmente, na

minha experiência, como pesquisadora, por dois anos, quotidianamente, elaborando a ficha técnica, no estúdio da Rádio Universitária, no horário em que o Programa vai ao ar, ou seja, das 18:00 às 19:00 horas, de segunda a sexta-feira. Nesta condição, recebia dos ouvintes, por telefone, os seus pedidos musicais, cuja veiculação é intercalada pela sessão de informações intitulada "FM notícias", às 18:30 horas.

Assim, entre junho de 1999 e dezembro de 2001, esta minha vivência levou o apresentador, jornalista Nelson Augusto a dirigir-se ao seu público, inúmeras vezes, com a seguinte fala: "(...) é só ligar e fazer o seu pedido musical. No 281.57.74, você fala com nossa colaboradora e pesquisadora, Inês Vieira".

O desenrolar da *Programação* envolve: a apresentação das "dicas culturais", assim denominados os informes acerca de atividades culturais em cartaz na cidade, a cada dia; mensagens de aniversário; "correio sentimental"; mensagens musicais, com destaque para músicos cearenses; uma espécie de educação musical informal a que o Programa se propõe, isto é, referências feitas, sistematicamente, pelo locutor, acerca da história de determinados compositores/cantores, a contextualização de certas produções musicais, etc; um curto espaço para notícias, dentre outros aspectos. No seu conjunto, também, a *Programação do ouvinte* me permite a visualização de espaços de interações locutor-ouvinte, ouvinte-ouvintes e grupos de ouvintes entre si.

O momento da apresentação da *Programação do ouvinte*

*Quando batem as 6 horas
De joelhos sobre o chão
O sertanejo reza
A sua oração
Ave Maria
Mãe de Deus, Jesus
Nos dê força e coragem
P'ra carregar a nossa cruz*

*Nesta hora bendita e santa
Devemos suplicar
À Virgem Imaculada
Os enfermos vir curar...*

Assim, ao se encerrar o som da *Ave Maria Sertaneja* (de Júlio Ricardo e O. de Oliveira), na voz de Luiz Gonzaga, todos os dias, entra no ar a *Programação do Ouvinte*, quando o assessor de áudio, Lima, alerta o apresentador Nelson Augusto: "*Vambora.*⁶ Nelson!!! "

Nelson Augusto entra em cena:

Em Fortaleza, 18 horas e 4 minutos. Uma boa noite a você, amigo ouvinte da Rádio Universitária FM. A partir de agora a sua *Programação do ouvinte*. É só discar 281-57-74, 281-57-52 e fazer o seu pedido musical. A *Programação do ouvinte* tem coordenação e apresentação de Nelson Augusto. No áudio, Antônio Carlos Lima. Vamos começar a *Programação do ouvinte* de hoje, 29.06.99, terça-feira, com a música...

Ouve-se, então, uma seqüência de três músicas, com a veiculação de nomes de ouvintes e respectivos bairros de onde vêm os pedidos musicais e, conforme a solicitação, para quem a música é endereçada.

[O apresentador]: "Quero agradecer a audiência do Cid, da Varjota; do Ranufo do Parque-Araxá; da turma boa do bar do Rogério, no Presidente Kennedy; da Lia, na Aldeota (...). A *Programação do ouvinte* atende agora (...)". Depois, anuncia os títulos das canções, com respectivos autores e intérpretes, associados ao nome do ouvinte e ao bairro de onde procede cada solicitação:

"Agradecendo a audiência do André Roberto, do Álvaro Weyne; da Lena, do Rodolfo Teófilo; Paulo Rogério, da Aerolândia (...). A *Programação* faz um pequeno intervalo, voltando logo em seguida. Aguarde". [Gravação]: "ZYC 407, Rádio Universitária FM, 107,9 megahertz, a sintonia da terra". "Universitária FM Notícias

– A Faculdade de Letras da UFC está com as inscrições abertas para o mestrado de Letras até o dia 26.07...”

O diversificado universo geográfico da *Programação do ouvinte* sugere-me uma audiência heterogênea e cuja distribuição, na cidade, é ilustrativa de uma articulação de produção que difunde também entre os ditos bairros “periféricos” de Fortaleza, um gosto musical mais “apurado” que parece ser encontrado só na Universitária, como revelam alguns ouvintes. “Tem música que só toca aí na Universitária!”

Moradores desses locais não se inserem em um único segmento social. A veiculação de mensagens através da *Programação* consegue estabelecer verdadeiros diálogos entre diversos pontos da cidade, socializando-se, assim, uma proposta de divulgação, principalmente musical, embora não seja este seu único propósito; até porque com a participação dos ouvintes, estes redimensionaram o significado da produção, ao longo de sua história. Segundo Nelson Augusto, “esta proposta contribui para que a emissora cumpra sua função social. As pessoas se sentem incluídas na ‘grife’ universitária.”

A distribuição territorial da audiência guarda, ainda, relação com a distinção de expressões culturais, estas projetadas através da participação cotidiana dos seus ouvintes e pedidos veiculados pela *Programação*.

A sociabilidade na utilidade pública e das “dicas” culturais

A utilidade pública se insere no noticioso “FM notícias”, veiculado, diariamente, após a primeira meia hora do início do Programa, ocupando um pouco do espaço destinado, primordialmente, à veiculação de canções. Observe-se a fala do locutor às 18:30h: “faremos um breve intervalo para notícias, voltando logo em seguida: Universitária FM notícias”.

Em geral, se volta para assuntos como: saúde, educação, defesa do consumidor, anún-

cios da UFC, ações políticas referentes a mobilizações de associações de segmentos de classe, mobilizações sindicais, ofertas de trabalho, denúncias, dentre outros. Destaco aqui temas que aparecem com mais relevância no noticioso ou, que, usualmente não encontram espaço de projeção em outras emissoras de rádio, como eventos culturais e acontecimentos políticos cotidianos: “Neste carnaval, entre para o bloco de doadores de sangue do HEMOCE e faça muita gente pular de alegria”. Esta campanha tem o propósito de contribuir para a educação e a saúde, estando, assim, associada às funções mnemônica⁷ e didática do Programa, chamando a atenção de todos para a solidariedade com a saúde coletiva. Portanto, uma mensagem que vai contribuindo para construir ou reconstruir relações sociais. Ademais, a trilha sonora da campanha é: “O teu cabelo não nega/mulata porque és mulata na cor...”, veiculando, desse modo, uma antiga marcha de carnaval.

O interesse pela saúde pública se reflete, ainda, na divulgação de congressos e seminários, conforme afirma o locutor, ao se referir à abertura de “jornada de psiquiatria”, no hotel Óthon Palace, cujo tema é: “Violência, desemprego e saúde mental”. Por sua vez, o interesse por uma espécie de jornalismo de utilidade pública, revelado pela orientação da emissora, pode contribuir para aglutinar pessoas em torno de seus interesses, exercendo-se, desse modo, uma dimensão interativa de sua proposta.

Estes aspectos da *Programação*, evidenciando processos interativos, podem ser mais bem compreendidos à luz do pensamento de Simmel⁸ sobre as interações sociais.

A difusão de resultados de pesquisas ou de levantamentos, relacionados a problemas que afetam diretamente a vida das pessoas, se constitui noutra prática muito presente nesse espaço da *Programação* e que, também, pode contribuir para agregar indivíduos ou grupos envolvidos no esclarecimento e enfrentamento de questões dessa natureza. Os trechos que se

seguem, extraídos do “FM Notícias”, ilustram esse aspecto:

Pesquisa de universidades americanas afirmam que 1,75 bilhões de pessoas sofrem com falta d'água no planeta. Um cálculo anterior, da ONU, estimava esse número em 5.000.000 de pessoas. O estudo prevê que mais de três bilhões de pessoas, em 2025, não terão água suficiente para irrigação.

A taxa de mortalidade infantil caiu de 21% no ano passado em relação a 1998, nos 3.200 municípios de 13 estados assistidos pela pastoral da criança”. Os municípios com melhor desempenho registram 12 mortes em cada grupo de 1.000 crianças nascidas vivas. Nos outros municípios o número máximo de mortes foi de 18 em cada 1.000 nascidos.

As campanhas de saúde pública se refletem nesse espaço como ilustrativas da preocupação da emissora com aquilo que diz respeito a interesses coletivos, portanto, um jornalismo que favorece a existência de processos interativos, envolvendo organizações ou grupos, indivíduos e instituições:

Sábado será dia de campanha nacional de vacinação contra a poliomielite. Devem ser vacinadas todas as crianças de zero a cinco anos. A vacina contra a poliomielite não tem contra indicação. A repetição de doses não provoca danos à saúde.

Alô, alô, futura mamãe! Criança pode contrair AIDS na gravidez, parto e amamentação. Faça o seu pré-natal. Uma campanha 'radialistas contra a AIDS?

Novamente aparece aqui o *Programa* mediando notícias que, de algum modo, podem favorecer interações entre indivíduos e grupos, envolvendo diferentes segmentos sociais:

Jornalistas constantemente perseguidos no exercício de sua profissão, vítimas de constrangimentos, agressões físicas, torturas e

ameaças de morte. Em 2 anos, dezenas de pessoas denunciadas por exercício ilegal da profissão. Basta! Os jornalistas exigem respeito. Respeito ao exercício legal da profissão. Respeito a um salário digno e aos direitos adquiridos. Sindicato dos jornalistas profissionais do Estado do Ceará. Campanha salarial 2001.

O comunicador age, assim, como mediador das interações resultantes de mobilizações de expectativas humanas de atendimento à saúde, à educação, a ações políticas, dentre outras motivações que se inter-relacionam na vida cotidiana dos seus ouvintes, e que são significativas para a consolidação de laços afetivos entre apresentador e receptores dessas mensagens, ou entre estes últimos, contribuindo, dessa maneira, para a construção de espaços de sociabilidade, associados a um fazer jornalístico priorizado pela Rádio Universitária.

A Rádio, através do *Programa*, por exemplo, pode ajudar a desencadear processos de transformação de determinados assuntos em *temas sociais*. Isso, na medida em que abre espaço para, ou até prioriza a divulgação de certas informações; na medida em que promove debates e, no caso em estudo, conforme enfatizado, favorece a interação entre indivíduos e grupos de diferentes lugares.

Grupos e instituições de natureza religiosa interagem, aqui, com os setores de educação e política. Redes de solidariedade que se formam na sociedade se projetam através da dinâmica da *Programação*, dentro do “FM Notícias”:

As comunidades eclesiais de base estão instalando comitês eleitorais para acompanhar as eleições de outubro, principalmente nas pequenas e médias cidades. O presidente da CNBB, D. Jaime Chemello, disse que os comitês podem trazer mais transparências às eleições. A CNBB também está distribuindo cartilha para orientar o eleitor a não votar em candidatos que prometem emprego e dão comidas e cimento em troca de votos.

Diferentes gerações de indivíduos, procedentes de variados segmentos da sociedade, encontram no *Programa* acolhida para expressão de suas necessidades e tentativas de organização, junto a grupos de referência que possibilitam a construção e reconstrução de perspectivas em seus projetos de vida, o que parece se relacionar com aquela proposta de um “jornalismo aberto às interações de várias formas de opiniões”, referida pelo atual diretor da Rádio. Os trechos seguintes são ilustrativos a esse respeito:

O núcleo de estudos do envelhecimento da UFC realiza quarta-feira, às 17 horas, um debate sobre o envelhecimento bem sucedido. O debate vai acontecer no auditório Castelo Branco, com exposição do reitor emérito da UFC, Antônio Martins Filho.

A Pró-Reitoria de Extensão da UFC inscreve candidatos para curso de extensão em música. Os candidatos devem ter conhecimento básico em música, e 2º grau completo.

A UFC recebe inscrições para o curso de Medicina em Barbalha e Acaraú.

A Faculdade de Farmácia e Odontologia ministra curso de Especialização em prótese dentária. A Secretaria de Agricultura e Irrigação seleciona bolsistas de nível superior em Engenharia Agrícola e áreas técnicas.

Já está em circulação o 4º número da revista Universidade Pública...

Um aspecto que chama a atenção, nessa dimensão de utilidade pública, é o fato de estar direcionada a um público mais específico, se comparada ao que ocorre em outras emissoras. Por exemplo: na Rádio Universitária, são muito freqüentes os anúncios que se voltam para assuntos relacionados à prestação de serviços públicos como saúde e educação. Parece que esta sociabilidade é exercida diferentemente do que se dá naqueles meios de comunicação em que a linha editorial não prioriza campanhas de cu-

nho social. Prioridades que fazem parte da linha editorial da FM Universitária parecem facilitar e reforçar o desenvolvimento desta sociabilidade específica; uma especificidade associada ao conteúdo de anúncios, conforme destacados anteriormente.

O “Rádio debate”,⁹ ao instituir a discussão de polêmicas questões, envolvendo fatos locais, nacionais, contemplando as diversas dimensões da vida, entre elas a política, a economia, a educação, o meio ambiente, a cultura, enfim, o cotidiano vivido pelos ouvintes, tem se constituído num espaço fértil para um significativo “fazer jornalístico” cearense, atualmente. Acerca do papel do rádio na sociedade, o leitor pode consultar Canclini (1995).¹⁰

São assuntos que chamam a atenção dos ouvintes para eventuais questões de seu interesse no cotidiano de suas relações com outros indivíduos, grupos ou instituições. A Rádio vai, assim, exercendo o seu papel de uma espécie de “guardiã da cidadania”, também por meio da dinâmica da *Programação do ouvinte*, ao mesmo tempo em que desempenha função importante, mediando mobilizações sociais no contexto urbano e do interior do Estado. Desse modo, vê-se a divulgação do Fórum Cearense pela vida do semi-árido:

Mobilize sua paróquia, família, sua comunidade, seu prédio. Doação para o Banco do Brasil ou para alguma entidade do Fórum Cearense pela vida do semi-árido.

O terceiro encontro dos filhos e amigos de Morada Nova acontece neste sábado a partir das 21h no Náutico Atlético Cearense (...).

Sobre a relação de meios massivos com suas audiências, observa-se o pensamento de Canclini (1998):¹¹

A sociabilidade das mensagens musicais

Ao discutir a sociabilidade construída na relação com o locutor, lembro que “ouvintes

cativos”¹² são aqueles de maior constância na audiência, os quais quase sempre querem falar com o próprio Nelson. A construção do “ouvinte cativo” é utilizada pelo locutor e referendada ou reproduzida em depoimentos de ouvintes como este: “Aqui é o Cláudio *da Maraponga*; não é o *do Papicu*. Sou cadeira cativa.”

A exemplo do que ocorre com tantos outros, este participante se identifica com a mesma linguagem do locutor. Tais ouvintes costumam pedir para “dizer ao Nelson” quem ligou, e, quando é o caso, informam o novo bairro de moradia, uma vez que, no contexto, o bairro é uma referência importante para a identificação. Nesses termos, há uma cidade de Fortaleza digamos, preferencial, recortada pelo Programa. Sempre “conferindo a audiência”, esses ouvintes são exemplos da existência de uma rede de interações que se cria no contato diário entre o conjunto de receptores e o locutor ou entre os participantes do Programa.

Constituem destaques de assídua audiência: o Ranulfo do *Parque-Araxá*; o Eduardo da *Lagoa Redonda*; o Gerson do Condomínio da Aeronáutica, no *Antônio Bezerra*; a Ana Paula do *Bairro de Fátima*; o Amareto do *Bairro de Fátima*; o Cid da *Varjota*, o Ednardo Honório do *Bom Sucesso*; a Dona Luiza Felipe do *Canindezinbo*; a Doutora Antônia do hospital psiquiátrico São Vicente de Paula, na *Parangaba*; o Cláudio da *Maraponga*; a Iracilda do *Montese*; a Doracy do *Henrique Jorge*; os “amigos do bar do Rogério”, do *Presidente Kennedy*; o André Roberto do *Álvaro Weyne*; a Adelânia do *Álvaro Weyne*; o Roberto Chaves do *Montese*; a Ivonise Faustino do *Parque Rio Branco*; a Cláudia da *Serrinha*; o Nilson Rocha do *Henrique Jorge*; o Roberto Douglas da *Aldeota*; a Glauceide, e seu filho de 7 meses, João Lucas, do *Presidente Kennedy*; seu irmão Evaristo Filho em *Messejana*; a Nair do *Carlito Pamplona*; o Reginaldo e sua mãe D. Rita do *Conjunto Jereissati 2*; o João Teles do *Maracanaú*; “a turma boa do bar Alto Astral, do *Monte Castelo*”; o Carlos, o Francisco, o Caçarola, Luiz Cronge, Marisa, Laércio, Frigideira, o

Sapo boião... Ari Capelari do *Parque Manibura*, Nélio do *Rodolfo Teófilo* e outros.

No apelo à participação, o comunicador lembra: “Gostaria de mandar um grande abraço para o pessoal que acompanha nosso programa pela Internet. Você acessa o site www.nelsons.com.br ou e-mail: nelson@nelsons.com.br”. Pelo telefone chama o ouvinte a participar: “todo mundo ligando e participando aqui com a gente. Seu espaço pelo 281.57.74/281.57.52. É só ligar e fazer seu pedido musical”. Enfim, conclama os ouvintes à participação, por todos os meios de comunicação de que dispõe: a Internet, o rádio, o telefone, e, ainda, o correio convencional e a visita ao estúdio. Desta forma, vai levando aos ouvintes sua mensagem, em busca da integração destes à produção.

Este ritual de agradecimento de audiência, efetivado no cotidiano, reforça as interações das pessoas com a produção ou em seus grupos, em função da mediação exercida pelo comunicador na dinâmica do Programa. Em outras palavras, ouvintes lembrados, cotidianamente, na audiência mesmo sem ligar de imediato, criam laços afetivos com esse contexto. O locutor pressupõe que determinados ouvintes estão na audiência e manda seu apelo: “Sua participação pelo 281.57.74 e 281.57.52. É só ligar e pedir”. E muitos deles, mesmo sem ligar, ficam na escuta, conforme revelam, por exemplo: a “turma boa da Nevasco Cortinas”, uma loja comercial no Bairro de Fátima – “A gente não liga porque tá trabalhando, mas estamos na escuta”, e a “Dra. Antônia, no hospital São Vicente de Paula”, que, ligando e informada de que Nelson está ocupado, diz: “espero para ele atender porque é difícil conseguir uma linha...”

É desta forma que as interações vão se construindo. A partir desse ritual cotidiano de apresentação e chamada de audiência são lembrados os grupos de referência de ouvintes.

A reciprocidade observada na relação diária do locutor com seus ouvintes contribui para consolidar laços afetivos nesse contexto. Assim, o Gerson, do Condomínio da Aeronáutica, ofere-

ce a canção *Canteiros*, com o Fagner, para “todos os que fazem a Universitária”. E o locutor vai, com uma simpatia peculiar, ganhando novos ouvintes, sempre se referindo à “comunidade”, exaltando a inserção de quem ligou para a produção: “agradecendo a audiência da turma boa do Cambeba”. Aqui é enfático, acrescentando: “do Cambeba, bairro!¹³”. A “comunidade” de origem do indivíduo é sempre associada ao envio da mensagem, no agradecimento da audiência. Os ouvintes são, assim, sempre contextualizados num grupo: “turma boa” do *Presidente Kennedy*; “agradecendo a audiência de uma pessoa muito especial, Dona Luiza Felipe, e seu filho Zé Roberto do *Canindezinho*”; “turma boa do *Parque Sta. Rosa*” e muitos outros. As imagens evocadas na linguagem do apresentador chamam-nos a atenção para a audiência enquanto *personalidade coletiva*: “*Todo mundo participando aqui com a gente, participando da nossa Programação*”.

Com se pode ver, essa linguagem veicula imagens de modo a inserir sempre o ouvinte em grupos de referência. Evoca representações positivas desses participantes como: bom, grande, especial e outros adjetivos que os singularizam com a referência a alguma habilidade ou preferência pessoal, enfim, formas simpáticas de tratar, que parecem encontrar ressonância na percepção dos ouvintes acerca do lugar ocupado por cada um ou pelo grupo. Ao mesmo tempo, observa-se uma espécie de reciprocidade no tratamento: os ouvintes também se referem ao locutor como “maravilhoso”, “simpático”, “supereducado”, “varinha de condão”, “Nelsinho”, “lenda viva da MPB no Ceará” etc.

Uma sociabilidade também no âmbito familiar se associa à *Programação do ouvinte* e esse espaço de interações (família) aparece em vários momentos. Assim é que se observa, por exemplo: a mensagem de *Vilson, Diana, D. Selda e Cláudio, do bairro Monte Castelo*, oferecendo *Andança, com Golden Boys*, para o pai que está aniversariando.¹⁴ Dona Luiza, do *Canindezinho*, oferece a canção *Só chamei para dizer que te amo*, com Gilberto Gil, para sua filha, Taís, que

aniversaria. Na fala do apresentador, essas interações aparecem, também, no agradecimento da audiência, conforme se segue: “da *Dona Luiza e seu filho, Zé Roberto, no Canindezinho*”; “da *Cláudia e da sua mãe, no Papicu; da Sara, do Papicu, que envia a canção Sorri, com Renato Braz, para sua tia no Parque-Araxá*”. Articula-se, através da Programação, *um bairro da zona Leste da cidade com um outro da zona Norte*. Participam, também, da audiência o casal Vanda e Rodrigo e a filha, Luana, de oito anos, que “todo dia escuta o Nelson”. Conforme seu pai, “chega da escola e já liga na *Programação do ouvinte*”; pedem a música *Canção da América*, com Milton Nascimento, e solicitam um “alô do Nelson”. Este reforça a participação dos ouvintes, dando alô para eles e para “Luana com 8 aninhos já aí, conferindo a *Programação do ouvinte*”. Vai tentando conquistar, assim, também as crianças, envolvendo-as na dinâmica da audiência. Nas suas palavras, “essa turma boa, vem do bairro Papicu, ” na zona leste da cidade.

Chamo a atenção para as mediações que a Rádio exerce nos rituais de aniversário. O Reginaldo, do Conjunto Jereissati II, que oferece a canção para o amigo no Conjunto Jereissati I, diz que estão todos comemorando o aniversário, tendo como som ambiente, a *Programação do ouvinte*. Observe-se como esta discussão articula-se à construção de laços de sociabilidade e reconstituição de memórias, no contexto da *Programação do ouvinte*. Nesses termos, tomando-se, mais uma vez, a fala do apresentador, encontram-se nela elementos significativos na construção de toda uma rede de interações, que envolve relacionamentos no contexto familiar, relações ouvintes-emissora, ouvintes-ouvintes, inserção de ouvintes no seu espaço de trabalho.

É interessante se perceber a sociabilidade, também, através dos pedidos de mensagens românticas, veiculados pelo Programa. Algumas situações são ilustrativas desse aspecto: A Cláudia envia *Andança, com Golden Boys*, para seu noivo Eduardo, na Lagoa Redonda. A música *Sozinho*, com o Caetano, a ‘misteriosa’ oferece

para o Samuel, do bar do Jorge do Montese. A canção *Por quem merece amor*, com MPB4, “um certo alguém” oferece para Luís Carlos, no Pirambu. Cristina, no Jacarecanga, oferece *Um desejo só não basta* “para seu grande amor”. A canção *Oceano*, com Djavan, a Marisol, da Lagoa Redonda, oferece “para seu namorado” que viajou para Florianópolis, e acrescenta que quando ele voltar vai mostrar a gravação da mensagem, dizendo-lhe de sua saudade. Uma ouvinte envia uma canção para seu namorado “gatão”, no Castelão. Um “certo alguém” envia a música *Yolanda*, com Simone, para a Simone que morreu na rua... no Monte Castelo. O Arlindo, da UFC, oferece *Canteiros*, com Fagner, para a Márcia, por quem ele “está arreado os quatro pneus”¹⁵. A Gessy, do Rodolfo Teófilo, oferece uma canção para seu “grande amor da Arquitetura”. O Robson, do Pici, envia a canção *Maçã* para aquela que ele chama “minha vida”. O Hudson, do Pici, oferece *Mal de mim*, com Djavan, para sua filha Yasmim e sua esposa Nonata, com quem brigou, mas “quer se reconciliar nesta sexta feira”, querendo que a música toque ainda no mesmo dia, “para não ter de esperar pela reconciliação até segunda feira”.

O locutor vai sendo chamado, assim, a mediar as reconciliações amorosas, tornando-se, ao mesmo tempo, uma espécie de cúmplice-confidente desses ouvintes, e a *Programação* vai sendo percebida, pelos participantes, como espaço mediador desses conflitos. O ouvinte é também produtor de sentidos para a produção. Num outro momento o apresentador é solicitado a enviar uma canção para o namorado com quem a solicitante quer se reconciliar da briga, pois sabe que este está na audiência. E, dizendo que vai “botar lenha na fogueira”, Nelson escolhe, então, a canção *Eu sei que vou te amar*, com Vinícius de Moraes, reproduzindo o recado.

Também contribuindo com interações, tem-se o espaço da educação musical, informal, momento em que o ouvinte não conhece a canção e o apresentador tenta lhe ensinar, pedindo “uma dica”. Quando o ouvinte pede *Vida de*

gado, o locutor conversa com ele, explicando que a música é *Admirável gado novo*, e acrescenta a autoria: *Zé Ramalho*. De outra feita, o ouvinte canta um trecho da canção, enquanto Nelson, do outro lado, responde: é *Samba em Prelúdio, de Vinícius de Moraes*. Se uma pessoa quer ouvir a canção que supõe se chamar *bem ti vi*, o locutor, atento à sua tarefa de educador musical, informal, diz ao solicitante, por telefone, que a canção é *Jardim da fantasia, com Paulinho Pedra Azul* (sempre explicitando a autoria). Assim, a construção de interações e o reviver de memórias vão se fazendo presentes no cotidiano desta *Programação*.

Conclusão

Chamo a atenção para algo que ocorre nesses espaços e pela ação dos seus principais atores sociais, sem que haja um planejamento para tal. Refiro-me a todo um simbolismo que, na dinâmica dessa produção cultural, parece que vai ganhando corpo, no ar, e que não é mensurável e não é perceptível, se não enveredarmos pelos múltiplos caminhos nos quais os significados vão sendo construídos ou adornados, através de palavras, gestos, associações de idéias, etc.

A relação comunicação, memória e sociabilidade, tendo como universo de pesquisa a produção musical da Rádio Universitária FM em Fortaleza e, como recorte deste universo, a *Programação do ouvinte*, se explicita no diálogo cotidiano locutor-ouvintes, ouvintes-ouvintes. Isto se faz visível a partir de uma dinâmica de produção, por ocasião da qual se vêem construídos vários espaços de sociabilidade, envolvendo articulação de pessoas e grupos em torno de mensagens musicais, eventos e notícias veiculadas através desta *Programação*. Esta dinâmica sugere o redimensionamento de significados da produção, por participantes dela, que ao longo de sua história atribuíram-lhe outros sentidos distintos acrescentados àquele propósito pensado, inicialmente, pelo seu idealizador, o jornalista Nelson Augusto.

Vejo ainda a *Programação* como uma espécie de *vitruve de projeção*. Pessoas se inserem na mesma não só para atender suas expectativas de gosto musical, mas para divulgar seus trabalhos, a exemplo do cabeleireiro que vê naquele espaço, também, uma possibilidade de angariar novos clientes, e o músico que se utiliza do *Programa* para divulgar sua produção e se fazer visível para um público consumidor, ou, ainda, o comerciante que tenta despertar nos seus fregueses o gosto pelo tipo de música ali veiculado. É importante ainda a projeção que a música cearense encontra no espaço da *Programação*. Ademais, o *Programa* pode, a partir de anúncios veiculados, articular os ouvintes com oportunidades no mercado de trabalho, congressos acadêmicos, dentre outras.

É neste dinâmico contexto que entendo a relação locutor-ouvinte, opondo-se aqui à tese de unilateralidade desta relação, conforme vista por alguns pesquisadores que postulam uma atuação hegemônica dos meios de comunicação na sociedade. A dinâmica incorporação de significados deste *programa* por ouvintes que atribuem ao mesmo suas próprias interpretações contraria a tese da unilateralidade dessa relação. A criatividade presente nessa interferência dos ouvintes permite enfatizar a ocorrência de um processo de comunicação produtor de memórias e sociabilidades, capaz de construir e reconstruir crenças das pessoas envolvidas nesse processo.

Observa-se uma orientação de produção que prioriza a troca de experiências diversas, refletidas a partir das projeções de expectativas de ouvintes oriundos de distintos contextos de socialização, interagindo com expectativas do comunicador que chama os ouvintes a participar dela. Coordenador da produção e ouvintes coadjuvantes deste programa atuam de modo a criar um núcleo articulador de mensagens que reflete a incorporação do sentido proposto, inicialmente, pelo seu coordenador, e enriquecido pelos novos significados que são redimensionados pela diversidade de expectativas de seus

participantes, ao longo da história desta produção. Chamados pelo comunicador, através de apelos cotidianos, contínuos e intermitentes, a ocupar um lugar no cenário da *Programação do ouvinte*, estes se constituem em atores partícipes de processos comunicativos orientados na perspectiva da emissão-recepção de mensagens.

Neste contexto vínculos afetivos como aqueles que se desenvolvem em grupos sociais primários, a exemplo da família, ou dos amigos são criados por uma orientação que condicionou indivíduos a participar da produção, trazendo-os para o centro de seu processo de criação, construindo ouvintes protagonistas de sua história, embora se observem as ambigüidades quando o ouvinte ainda vê o locutor como dono do programa. Tais relações constituem elementos ricos para questionar a tese de unilateralidade que preconiza uma suposta dominação exercida por produtores da informação.

Na *Programação* o reconhecimento da autoridade do apresentador se dá numa cumplicidade com o reconhecimento do ouvinte *partícipe, coadjuvante* da produção. Aqui parece estar o cerne da questão que indica uma função social da *Programação*. O espaço desta produção parece manter vivo o sonho de dignidade de seus ouvintes. A construção do reconhecimento destes, exercido de um modo quase que ritual com o qual Nelson chama pessoas à participação, cotidianamente, pode ser visto como um pilar fundamental em que se sustenta a audiência.

Neste aspecto lembro a relação entre a construção da história do *Programa* e a construção da própria história da Rádio Universitária, considerando as preocupações de sua linha editorial que nem sempre coincidiram com a atual orientação. Um ouvinte do programa estudado questiona: "talvez Nelson Augusto não criasse esta *Programação* numa outra emissora que não tivesse o perfil da Rádio Universitária". Ressalte-se que as condições de trabalho do apresentador, como o acervo da Rádio, refletem também propósitos de uma linha editorial.

Houve um tempo em que a direção não permitia dizer o nome do ouvinte, apesar de afirmar-se que esta Rádio visava “(...) provocar na comunidade, por meio da informação e do debate crítico (...) atitudes de reflexão e criatividade que a induzam a mudanças de comportamento”, como aparece em seu estatuto. A instituição do programa por um segmento social considerado de “elite” refletia contradições internas no grupo de atores que fazem parte deste segmento e encontrava na vivência dificuldades de se efetivar, já que interesses da direção e do produtor do programa naquele momento da história da Rádio apresentavam divergências quanto às concepções de ouvinte. O reconhecimento do ouvinte dentro da produção, portanto, não “cai do céu”; é atravessado por conflitos de interesses, refletindo uma luta histórica entre atores sociais, o que reforça a compreensão da *Programação do ouvinte* como um movimento cultural. Aspecto que enfatiza a produção cultural como algo construído em processos sociais, dinâmicos, nem sempre previsíveis.

O perfil da *Programação* deve ser compreendido numa relação com este perfil que a emissora assume no seu diálogo cotidiano com a “comunidade” e que se constitui em um dos traços de sua peculiaridade, de sua diferenciação das demais emissoras, legitimada por uma orientação de jornalismo que contraria a atuação hegemônica dos meios de comunicação social, os quais tendem a “fabricar” o consenso.

Sem uma autoridade de comunicador que centraliza decisões, a *Programação do ouvinte* contribui para uma projeção do apresentador, aberto ao diálogo, que não cala o receptor, mas, ao contrário, o estimula à troca de mensagens produtora de sociabilidades via um processo de socialização desta produção. O respeito à articulação de “várias formas de opinião”, concebido pela linha editorial da emissora apóia-se no respeito a valores humanos fundamentais como o reconhecimento da diversidade de expressões culturais. A emissora é projetada pelos ouvintes como emissora que “valoriza a gente”. Uma

emissora que na relação com a informação, “guarda uma sinceridade muito grande com os fatos sociais, tratando-os de maneira ‘isenta’ de manipulação destas ocorrências por interesses políticos e econômicos”.

Nas falas dos informantes chama a atenção a sua condição de serem ouvintes da Rádio Universitária: esta condição é traduzida como *motivo de lisonjeio*, algo que concede aos coadjuvantes desta produção, *distinção especial*, como alguém que se sente merecedor de exercer responsabilidade e direitos à educação; de música de qualidade e de carinho e atenção, aspectos associados ao relativo poder de interferência de ouvintes na produção. Sentem-se reconhecidos em seu poder de exercer opiniões, e também lisonjeados ao colaborarem com uma pesquisa sobre a Rádio Universitária. Na sua maioria, os informantes se dizem ouvintes da emissora e não só de Nelson Augusto.

O estudo desta dinâmica sugere, ainda, seu significado didático, informal, que aparece na atitude de ouvintes – estudantes e professores dos níveis, médio e superior – e do apresentador. Ressalto, aqui, ouvintes com uma sensibilidade que os leva a identificarem-se com a proposta da emissora de produzir cultura e educação, embora sejam pessoas que, por dificuldades de ascensão social, não tiveram acesso a mecanismos institucionais que lhes assegurassem a educação formal. Ocupam o espaço da audiência desta Rádio para exercer esse direito, a exemplo do ouvinte que, referindo-se ao significado do *Programa* para sua vida, diz: “já que não tive oportunidade de estudar, aqui é minha faculdade. Este ouvinte se autodenomina “*ministro da cultura*” do bairro Presidente Kennedy. Ou, aquela ouvinte, apenas alfabetizada, que diz haver lutado muito para educar os filhos e, estar na audiência porque, embora o programa divulgue músicas, ela gosta também da pesquisa.

Este trabalho evidencia uma ruptura com a concepção de um receptor passivamente consumidor da informação. Isto está claro não só

no exemplo do movimento em defesa da memória de Elis Regina, mas em muitos outros momentos da investigação que estão documentados na pesquisa.

Assim, parece interessante também o papel que estes processos interativos, articulados por iniciativa do coordenador da produção e de seus ouvintes, exercem na reconstituição de nossa memória musical, a qual se projeta numa perspectiva de continuidade, dinâmica, transcendente, rompendo com categorias sociais preconcebidas que compreendem a produção cultural como enclausurada num período histórico, estanque ou num só lugar geográfico. Projetando a circularidade da produção cultural, o repertório também contribui para que o *Programa* – mediador de relações responsáveis pela construção de laços afetivos que ajudam a produzir e difundir um gosto musical – assegure sua legitimidade num meio de comunicação de massa.

Notas

¹ Programa musical veiculado, diariamente, pela Rádio Universitária, em Fortaleza, desde 1987, no horário das 18:00 às 19:00h, co-produzido por ouvintes, numa dinâmica de audiência que permeia diversos lugares geográficos e sociais da cidade. A Programação supõe, a partir do discurso do seu idealizador (jornalista Nelson Augusto), um ouvinte protagonista da história. Este age, dinamicamente, no processo de produção do Programa, contrapondo-se à categoria “receptor”, consagrada entre alguns teóricos da Teoria da Comunicação, à qual está associada a noção de passividade. O Programa apresenta formas de comunicação que o singularizam com relação a outros. Seu repertório, caracterizado pelo produtor e os ouvintes como sendo de música popular brasileira (MPB), é uma produção diversificada. Na fala do então diretor da emissora, Agostinho Gósson, “a Rádio Universitária é a mais importante do Ceará, por estar ligada ao maior centro gerador de conhecimento do Estado, a UFC”.

² Simmel afirma: (...) “*sociedade*” propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro, que através de veículos de impulsos e propósitos forma e desenvolve os conteúdos e os interes-

ses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria, são liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação desses laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade (...) (1983:168).

³ Vieira afirma: (...) O rádio se mostrou, assim, importante também como veículo de interação e integração ou adaptação (...) ao que tudo indica, os processos de adaptação ou “quase inserção” de indivíduos – migrantes e não-migrantes – na cidade receberam forte influência dessa música, que se difundia, em grande parte, através do rádio (...). Em meio a esse mundo construído a partir do rádio, a meu ver, a música se constitui no grande elo, capaz de interpretar muitos sonhos e desejos; alimentar fantasias, que passam a povoar o universo de cada um dos ouvintes, muitas vezes secretamente, e também o mundo do rádio em geral. Nesses termos, pode-se dizer que se criava um espaço de confidências (2000:57)

⁴ Barbero, 2001:27, 28.

⁵ Há controvérsias quanto à definição de música popular brasileira, MPB, podendo ser definida como música originária de uma mistura de sons indígenas e africanos (como Lundu) e portugueses (como Modinha). A MPB apresenta uma grande diversidade de gêneros e ritmos, desde a segunda metade do século XVIII, quando já é possível distinguir, por exemplo, uma música brasileira da música portuguesa. Essa diferença se torna mais visível no século XIX, quando, mesmo gêneros europeus são modificados por músicos brasileiros, produzindo as melodias sincopadas. Não há um consenso na literatura a respeito do que vem a ser MPB. Nos anos 1960, a sigla “MPB” esteve associada a uma idéia de música de vanguarda, no interior da qual poder-se-iam encontrar canções de protesto que, de algum modo, assinalavam a insatisfação com o contexto da ditadura militar instaurada no país. A verdade é que, ainda hoje, trata-se de uma denominação imprecisa; e esta imprecisão aparece também no repertório do Programa, que reproduz, dentre muitas outras, músicas de Luiz Gonzaga, Chico Buarque, Gilberto Gil, Gonzaga Júnior e compositores de épocas anteriores como Pixinguinha, Noel Rosa, Vicente Celestino, Ataulfo Alves, Ari Barroso, Cartola, Anísio Silva, mesmo que estas canções apareçam nas vozes de intérpretes mais recentes como Marisa Monte, Teresa Valesca, Gal Costa, Caetano Veloso,

etc. Veicula, também, a produção de músicos cearenses, poetas ditos “populares” como o Patativa do Assaré, etc. O que caracteriza o repertório é a heterogeneidade, e não um conteúdo enquadrado numa categoria precisa que possa defini-lo (Música popular brasileira, in: Enciclopédia Ilustrada da Folha de São Paulo, PUBLIFOLHA, 1996: 214/216/664/665/812/930).

- ⁶ Forma abreviada de “vamos embora”.
- ⁷ Refiro-me à função reprodutora de memórias.
- ⁸ Segundo Simmel: (...) *a sociedade surge quando relações mútuas são produzidas por certos motivos e interesses. Não há interação absoluta, mas, somente diversas modalidades dela cuja emergência determina a existência da sociedade da qual não são causa nem efeito, mas ela própria de maneira imediata. Somente a extraordinária pluralidade e a variedade destas formas de interação, a cada momento, emprestam uma aparente realidade histórica autônoma ao conceito de sociedade*” (...).
- ⁹ Este programa estreou em 29.05.96, com apoio da Associação (sindicato) dos Docentes da UFC (ADUFC), com produção da jornalista Sandra Nunes, coordenação do também jornalista Paulo Mamede e apresentação de Agostinho Gósson, jornalista e atual diretor da emissora
- ¹⁰ Canclini afirma: (...) *meios eletrônicos que fizeram irromper as massas populares na esfera pública foram deslocando o desempenho da cidadania em direção às práticas de consumo. Foram estabelecidas outras maneiras de se informar de se entender as comunidades a que se pertence de conhecer e exercer direitos. Desiludidos com as burocracias estatais, partidárias e sindicais, o público recorre à rádio e à televisão para conseguir o que as instituições cidadãs não proporcionam: serviços, justiça, reparações ou simples atenção. Não é possível afirmar que meios de comunicação de massa com ligação direta via telefone, ou que recebem espectadores nos estúdios, sejam mais eficazes que os órgãos públicos, mas fascinam porque escutam e as pessoas sentem que não é preciso se ‘ater a adiamentos, prazos, procedimentos formais que adiam ou transferem as necessidades’* (1995:26).
- ¹¹ Para Canclini, (...) *às vezes os meios massivos também contribuem para superar a fragmentação. Na medida em que informam sobre as experiências comuns da vida urbana – os conflitos sociais, a poluição, que ruas estão engarrafadas em determi-*

nados horas –, eles estabelecem redes de comunicação e tornam possível apreender o sentido social, coletivo, do que acontece na cidade. Em uma escala mais ampla, é possível afirmar que o rádio e a televisão, ao relacionar patrimônios históricos, étnicos e regionais diversos e difundirlos maciçamente, coordena as múltiplas temporalidades de espectadores diferentes (1998:289).

- ¹² Ouvinte “cadeira cativa” é uma expressão usada, sempre, pelo apresentador do Programa, numa alusão àquelas pessoas que sintonizam, sistematicamente, a emissora naquele horário. Esta expressão evoca o lugar permanente ocupado pelo torcedor, no jogo de futebol, no estádio. Aqui, cadeira cativa é o lugar ocupado pelo receptor na audiência da *Programação do ouvinte*.
- ¹³ Cambéba é o nome do bairro no qual se situa o Centro Administrativo do Estado, portanto, local onde está sediado o Governo Estadual. Desde que se instalou ali (1986) o grupo liderado por Tasso Jereissati, atualmente filiado ao PSDB, a palavra Cambéba tem sido utilizada, também, para designar esse grupo. A advertência feita pelo locutor tem o sentido de evitar que se crie, por parte do ouvinte, qualquer tipo de associação entre o Programa e o grupo que comanda, atualmente, o Governo Estadual ou o poder que ele representa.
- ¹⁴ Neste dia, quem está na locução é Cida, uma jornalista da Rádio que há muito não apresentava o Programa. O ouvinte quer falar com ela, que não pode atender no momento; ele manda um abraço, lembra “há quanto tempo!” e revela está com saudades.
- ¹⁵ O ouvinte quer dizer por quem está totalmente apaixonado.

Referências Bibliográficas

- CANCLINI, Nestor. (1998), *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP.
- CANCLINI, Nestor. (1995), *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- FILHO, Evaristo e FERNANDES, Florestan. (1983), *F. Simmel*. São Paulo: Editora Ática.
- MARTIN-BARBERO, Jesus, (2001), *Dos meios às mediações*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- VEIRA, Sulamita (2000), *O sertão em movimento: a dinâmica da produção cultural*. São Paulo: Annablume.